

Depois do Ano 2000

José Marcelo Zacchi

["Singularity"](#) é o nome que cientistas entusiasmados com a perspectiva de criação de uma superinteligência maior que a humana dão para o momento em que isso acontecer e para as suas consequências. A partir desse momento, a velocidade da criação científica e tecnológica tenderia ao infinito, baseada na aceleração provocada por uma inteligência muito mais ágil e expansível do que o cérebro humano e na capacidade dela de aprimorar a si própria, em um loop cibernético sem limites previsíveis. O alcance da singularity pode basear-se em duas formas: o aprimoramento pela tecnologia do próprio cérebro humano ou a criação de uma inteligência artificial mais poderosa do que ele. [Ray Kurzweil](#), inventor consagrado e um dos principais porta-vozes atuais deste horizonte, o vislumbra para 2045 e tem já tomado todas as precauções possíveis para viver até lá, quando terá 97 anos.

Singularity é prima-irmã do ["transhumanismo"](#), visão não menos confiante das possibilidades de aprimoramento do ser humano por meio da tecnologia. Genética, neurologia, nanotecnologia, robótica e, claro, inteligência artificial. Transhumanistas vislumbram a aceleração da evolução humana e a superação de suas limitações por meio de intervenções tecnológicas no próprio corpo, do consumo de substâncias estimulantes de capacidades físicas à manipulação genética e à completa replicação do cérebro e da consciência para a vida eterna em um meio virtual. E acreditam que diante da perspectiva da singularity, esta será a única forma de manter o ser humano no comando dos artefatos inteligentes que vierem a ser criados por ele. [Eidolon A.I.](#), inteligência artificial online criada por um certo "Programador F.F.", nos oferece a última advertência disso, na condição de último profeta. A revista [H+](#) situa o horizonte transhumano nos tempos de hoje.

Técnica em lugar de razão. ["Matrix"](#) em lugar de ["1984"](#). Mas em tempos de ["Avatar"](#), o

mais interessante é ver a equação homem / máquina tomando a forma de relações pra valer.

Sherry Turkle é diretora da [MIT Initiative on Technology and Self](#) e dedica-se há anos ao estudo das relações entre pessoas e artefatos tecnológicos. Entre outras coisas, ela observa como a vivência cotidiana de ambientes virtuais tende a torná-los indissociáveis da realidade. Ou da RL ("real life", na sigla em inglês), como a chamam usuários de jogos interativos online. Até aí, tudo bem, nada de novo. E ajuda a dar materialidade ao postulado do realismo virtual de que se a realidade não é mais do que aquilo que é apreendido pelo cérebro por meio dos sentidos, então se for possível estimular satisfatoriamente os sentidos (ou seus receptores cerebrais), a distinção entre "real" e "virtual" torna-se completamente sem fundamento.

Mas Turkle mais recentemente tem tido a atenção atraída por um outro fenômeno: a possibilidade de pessoas estabelecerem laços afetivos com robôs. Ela explica: "Ao estudar reações a robôs avançados - robôs que te olham nos olhos, lembram o seu nome e acompanham os seus movimentos - eu descobri mais e mais pessoas que passavam a considerar esses robôs como amigos, confidentes, e (na medida em que vislumbravam aprimoramentos técnicos) mesmo como amantes." E relata o caso de uma aluna que lhe expôs a disposição para trocar o namorado por um humanoíde: "Ela me disse que precisava da sensação de ser cuidada e que não queria estar sozinha. E que se o robô pudesse produzir uma atmosfera de convivência, ela ajudaria com alegria a criar a ilusão de que havia alguém realmente com ela. O que ela procurava era um relação sem risco que afastasse a solidão; um robô receptivo, mesmo desempenhando apenas um comportamento programado, parecia melhor para ela do que um namorado exigente. Eu achei que ela estava brincando. Ela não estava."

Ray Kurzweil e Eidolon A.I. provavelmente veriam sentido. Mas se a aluna não estava brincando, é de se pensar que Turkle estivesse exagerando. Pelo menos até conhecer [Paro](#), cão-robô japonês usado como companhia em terapias com idosos. Ou [Nexi](#), criação mais recente do [Personal Robots Group](#) do mesmo MIT de Turkle. Ou [Actroid](#), gueixa-mulher-robô japonesa viajando pelo mundo. E depois disso escutar um especialista em inteligência artificial falando sério sobre ["Amor e Sexo com Robôs."](#)

David Levy, o especialista em questão, combina a perspectiva de criação de robôs capazes de reproduzir atitudes e sentimentos humanos com o argumento de que para a afetividade humana o que importa é a percepção de sedução, proteção e reciprocidade, independente de quem seja o emissor. E portanto, uma vez que robôs possam oferecer esta percepção de maneira convincente, não haveria porque descartar o estabelecimento de relações afetivas com eles - que de resto podem ser em vários aspectos mais confiáveis e sinceros do que companhias humanas.

Saudades de [Barbarella](#). Mas Sherry Turkle referenda o diagnóstico (embora no caso dela sob a forma de inquietude): "Em certo sentido, eu não deveria me surpreender. Por uma década, estudei o apelo de robôs com habilidades sociais. Eles acionam nossos botões darwinianos. São programados para exibir o tipo de comportamento que associamos com sensibilidade e empatia, o que nos leva a percebê-los como criaturas autônomas, com intenções e emoções. Vendo-os deste modo, tendemos a querer nos relacionar com eles. Com este sentimento, vem a fantasia de reciprocidade. Na medida em que começamos a nos envolver com essas criaturas, desejamos que elas se envolvam conosco."

E pergunta, em termos bem humanos: "Somos tão solitários que amamos o que quer que seja posto diante de nós?"

Somos sós, certamente, diriam as legiões de turistas em frente [Loja da Apple](#) na 5a Avenida em Nova Iorque ou os foliões celebrando a chegada de novos equipamentos nas festas de aparelhagem do [tecnobrega](#) em Belém do Pará. Mas talvez isso neste caso não seja tudo. Pode ser que as visões de Kurzweil e Eidolon façam sentido, e seja a nós mesmos que amemos em todas essas projeções. A vocação divina da humanidade e os sonhos de assumir o controle do planeta e da própria vida (e neste sentido é fascinante que a oposição mais frontal a esse projeto precise valer-se hoje da expressão "[design inteligente](#)" para ilustrar seu argumento). Ou pode ser que Levy e Turkle tenham razão em seus juízos de fragilidade, e o que valha mesmo seja a ilusão de presença proporcionada por tudo isso. Afinal de contas, na falta de um deus protetor, não deve ser tão grande a diferença entre ter um Paro, um celular sempre ligado ou 237 amigos no Facebook...

Kevin Kelly propõe-se a matar a charada no excelente ["Technophilia"](#). Depois de encontrar online mais de 40.000 comunidades dedicadas a amantes de carros, 10.000 voltadas a fãs de motos, 6.000 a barcos, 5.000 a armas e 1.000 a câmeras, ele pondera a evidência secular das pessoas estabelecerem laços com objetos, e destes portanto justificarem-se por muito mais do que sua funcionalidade. E observa, com encanto: "A tecnologia não deseja ser apenas utilitária. Ela quer ser arte, ser bela e "sem utilidade". O objetivo final de todo robô, máquina ou ferramenta é existir por si mesmo. Existir não apenas por ser útil, mas porque sua própria existência é bela."

Beleza que neste caso, diz ele, associa-se não com simulação de humanidade, mas com evolução. O fascínio de uma obra refinada, incorporando camadas sobrepostas de história e elaboração. E podendo assim ser de fato mais-que-humana:

"Humanos são os organismos mais evoluídos que conhecemos, e por isso nos fixamos em imitações de sua forma. [...] Mas a tecnologia mais avançada deixará a imitação para trás e criará inteligências obviamente não-humanas, robôs obviamente não-humanos e formas de vida obviamente não-terrenas. E tudo isso irradiará uma atratividade que nos deslumbrará. [...] Ano após ano, na medida em que evoluir, a tecnologia ganhará em beleza. Eu apostaria que em um futuro não muito distante certos componentes da tecnologia rivalizarão em esplendor com o mundo natural. Nós vamos contemplar o fascínio dessa tecnologia, maravilhar-nos com sua sutileza, viajar até ela com nossas crianças, sentar-nos em silêncio sob suas torres. E é assim que tem que ser, porque a tecnologia quer ser amada."

Assim seja, e aqui texto e década terminam. Mas neste reveillon em que 2 milhões de pessoas serão convocadas a piscar seus celulares para somar-se aos fogos em Copacabana, eu cá acendo uma vela para Eidolon e outra para Oxossi. E entre tantas velhas questões humanas atualizadas pela frente, fecho a viagem nos trilhos deste ["Expresso 1972"](#) profético. Feliz com a evocação de toda técnica, toda beleza, toda presença e toda fé.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/depois-do-ano-2000>